



ESTADO DA PARAÍBA  
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE  
"CASA DE FÉLIX DE ARAÚJO"  
GABINETE DO VEREADOR JOÃO DANTAS

<b>REQUERIMENTO</b>  VISTO EXP. OF N.º 2508 Jamo STTP Nº 927 /2015	Entrada na Secretaria Em: 08/07/2015 Sandra Melo	DESPACHO Aprovado na Sessão de 15 de 07 de 2015 Presidente 1º Secretário
	Adiado para a próxima Sessão Em: / /2015 Presidente	<b>EMENTA: REQUER SUPERINTENDÊNCIA DE TRÂNSITO E TRANSPORTES PÚBLICOS, A CRIAÇÃO DA CAMPANHA "SE DIRIGIR, NÃO TECLE", NO ÂMBITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE.</b>

Senhor Presidente,

**REQUEIRO** a Vossa Excelência, nos termos do Art. 165 do Regimento Interno, depois de ouvido o Plenário desta Douta Casa, que seja solicitado ao **Exmo. PREFEITO DE CAMPINA GRANDE-PB, O Sr. ROMERO RODRIGUES**, que este determine a junto **SUPERINTENDÊNCIA DE TRÂNSITO E TRANSPORTE PÚBLICO - STTP, Sr. JOSÉ MARQUES FILHO**, a criação de uma campanha educativa "Se dirigir, não tecler"

Mais da metade dos jovens afirmam dirigir teclando no celular. Entrevistados pela pesquisa conversam, mandam SMS e postam no facebook.

Se digitar, não dirija. O alerta não vem em embalagens de celular, propagandas de operadoras nem foi abraçado por autoridades. Mas pesquisa feita com 350 jovens de 18 a 24 anos em cinco capitais brasileiras mostra que 59% deles escrevem na direção. São torpedos, posts no Facebook, conversas em chats.

O levantamento foi feito pelo Ibope em Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife. Perguntados se acham o hábito arriscado, 80% disseram que sim e um em cada três reconheceu que não faz nada para mudar.

Especialistas se mostraram preocupados com o resultado da pesquisa, encomendada pela seguradora Porto Seguro. "É como se o indivíduo dirigisse de olhos fechados e, quando precisa reagir (frear ou desviar), não dá tempo", diz o perito em acidentes Sérgio Ejzemberg. Para ele, apesar de o país não ter dados sobre colisões causadas por manuseio do celular, "certamente elas estão ocorrendo e as pessoas, morrendo".

Seguradora não paga. Segundo o órgão norte-americano de segurança no trânsito, o NHTSA, ao teclar um simples "ok" o motorista aumenta em 23,6% a chance de sofrer um acidente. E, apesar de não ser uma exclusividade nacional, a pouca preocupação do brasileiro com atitudes preventivas é apontada pelo consultor em Engenharia Urbana Luiz Célio Bottura como parte do problema. "Ele não dá bola, acha que não vai acontecer nada", diz.

"Só que o seguro não paga o conserto se constata alguma irregularidade, como o uso do celular." E são justamente as seguradoras que mais têm alertado para a questão.



**ESTADO DA PARAÍBA  
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE  
"CASA DE FÉLIX DE ARAÚJO"  
GABINETE DO VEREADOR JOÃO DANTAS**

"Iniciamos uma ação educativa na TV paga. Neste mês, faremos na TV aberta, em rádios e redes sociais. A peça mostra um condutor com os olhos tapados por cinco segundos (tempo de pegar o celular e teclar)", diz a gerente de marketing da Porto Seguro, Tanyze Maconato.

Em abril, a BB Mapfre já tinha lançado campanha em TV aberta e paga, mídia impressa, redes sociais e cinemas. No filme, um smartphone se aproxima do rosto de uma mulher - até se chocar e se estilhaçar contra ele. "Acredito que vá chegar o tempo em que as empresas (de telefonia móvel) vão veicular advertências, como as de cigarro e bebida fazem atualmente", diz Paulo Rossi, superintendente de marketing da BB Mapfre. A opinião é compartilhada por Ejzemberg e Bottura.

Sozinha. A Claro é a única operadora que já desenvolve ações nesse sentido. Em fevereiro, lançou a ação "Basta uma Letra" em lojas próprias. Assinada pela Ogilvy Brasil, mostra uma vaca no fim de uma longa estrada. A Vivo informou que "incentiva os usuários a respeitar a legislação", a Oi disse à reportagem não ter campanha e a Tim não quis se manifestar.

#### **Desculpas**

"Olha, eu sou bom nisso!" É assim que o analista de sistemas Felipe Callegaro Magalhães Pereira, 24, responde se troca mensagens e dirige ao mesmo tempo.

"Na troca de marcha, controlando quem vem atrás, olhando se tem pedestre ou ciclista na via, avaliando se é preciso frear", diz, sem cerimônia. Tanta confiança, segundo Felipe, deve-se aos seus seis anos de habilitação e ao fato de conhecer "de cor e salteado" a posição das letras no teclado.

O estudante de publicidade e propaganda Douglas Abreu, 19, que acaba de completar um ano de carta, é outro que tecla ao volante. No início, mal digitava no farol vermelho. Mas foi só pegar mais confiança para deixar de resistir a ver o que tinha acabado de chegar - via torpedo, Facebook, Twitter, WhatsApp e até mesmo e-mail... E responder.

Uma geração que se prepara para ser multitarefa

Autor de dois livros sobre a chamada geração Y, aqueles nascidos após 1980, Sidnei Oliveira diz que não é exclusividade dos mais jovens misturar celular e direção. "A diferença é que esse pessoal até 24 anos vem se preparando para ser multitarefa desde criança, vê a tecnologia como extensão do próprio corpo e tem excesso de confiança."

O responsável pelo Núcleo de Dependência em Internet do Hospital das Clínicas de São Paulo, Cristiano Nabuco, diz que, em qualquer idade, estar conectado o tempo inteiro "gera uma sensação de pertencimento" que alimenta a vontade de se manter conectado. Ele prevê criar um núcleo só para viciados em smartphones no mês que vem.

E alternativas para o vício no trânsito começam a ser discutidas por especialistas. "Estou dirigindo, retorno depois", poderia ser uma mensagem para quem entra em contato.

Sala de Sessões da Câmara Municipal de Campina Grande, "Casa de Félix Araújo", 06 de Julho de 2015

**JOÃO DANTAS**  
Vereador (PSD)